

ESTUDOS DO I.S.C.A.A. II SÉRIE • Nº 1 • 1995
REVISTA DE PUBLICAÇÃO ANUAL

DIRECÇÃO: Joaquim José da Cunha

COORDENAÇÃO: José Fernandes de Sousa
Virgínia Maria Granate Costa e Sousa

CONSELHO CONSULTIVO: • Comissão Científica das Comemorações
• Professores Coordenadores das Áreas
ou domínios científicos do I.S.C.A.A.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE: Instituto Superior de Contabilidade e
Administração de Aveiro

APOIO ADMINISTRATIVO E ASSINATURAS: Biblioteca do I.S.C.A.A.
R. Associação Humanitária dos
Bombeiros Velhos de Aveiro
Apart. 58 - 3800 - Aveiro
Tel.:034)381977•381911;Fax.:28975

Preço deste Nº: 3 000\$00

ISSN: 0873-2019

Depósito legal nº: 922 54/95

Capa: Design. Francisco Espindola

Composição/impressão: Tipografia Minerva Central, Lda./1995

Comemorações do
Centenário do Nascimento do Professor



Jaime Lopes Amorim
(1891-1991)

Jaime Lopes Amorim

Instituto Superior de Contabilidade e Administração de
Aveiro

1992

LOPES AMORIM E A ESCOLA DO PORTO

H. O. CARQUEJA*

Justificando a Ousadia

Faz parte da Comissão Científica desta jornada de homenagem o Prof. Doutor Camilo Cimourdain de Oliveira que, num trabalho publicado na Revista de Contabilidade e Comércio, n.º 187/192, pág. 515 e seguintes, "Lopes Amorim e a Escola do Porto", esclarece que não foi ele quem tomou a decisão sobre o seu trabalho. Aqui e agora faço vénia ao pudor que o impediu de dizer claramente que o movimento iniciado por Lopes Amorim causou adesões, reacções e esclarecimentos como é natural quando se propõe uma "Teoria" e que o Senhor Professor é boa testemunha porque estava lá e não só entrou no jogo como, felizmente, o continua.

Invoco o trabalho do meu ilustre Professor como o melhor dos apoios para a minha ousadia ao defender que Lopes Amorim deve ser creditado não só pelo que directamente nos deu mas ainda por ter despoletado o interesse que legitima o falar na Escola do Porto.

* Ex-encarregado de curso e equiparado a professor auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, foi Revisor Oficial de Contas e sócio da extinta Cooper's & Lybrand & Carqueja, SROC, actualmente é administrador de empresas e recentemente retomou a direcção interina da Revista de Contabilidade e Comércio que vai voltar a ser distribuída.

Questões de Ontem ou de Hoje?

Não fiquei surpreso quando, ao folhear o último número distribuído (Setembro de 1992) da "Revue belge de la Comptabilité", deparei com o texto, em abertura de assunto, sob o título "Mecanique comptable", que equivale em português a:

"A definição de contabilidade

Técnica auxiliar das disciplinas de Direito e Economia, a contabilidade é uma técnica de registo e classificação dos fenómenos que constituem o seu campo de observação". ⁽¹⁾

As questões de ontem são ainda de hoje, mas estou certo que Lopes Amorim não concordaria nem com a opinião nem com o realce que a ideia tem como primeiro parágrafo do primeiro artigo publicado na citada revista.

Na "Digressão através do vetusto Mundo da Contabilidade" já Lopes Amorim afirmava, relativamente à classificação da contabilidade como ciência ou técnica

...o "ser" ou "não ser" não se apresenta ao meu espírito como uma questão apaixonante ... ⁽²⁾

depois de notar que a aprendizagem e ensino da Contabilidade tinham o seu lugar nas preocupações do ensino superior e universitário.

Seja ciência ou técnica a Contabilidade pode ser abordada como *teoria*, e essa abordagem é um legado recebido de Lopes Amorim e que dá substância à Escola do Porto.

Ouso prestar aqui o meu testemunho sobre a obra de Lopes Amorim porque, ao que ainda hoje se lê ou se ouve, sinto-me herdeiro do trabalho

⁽¹⁾ Joseph Colleye, pág. 3:

"La definition de la comptabilite

Technique auxiliaire des disciplines Droit et Economique, la comptabilité est une technique d'enregistrement et de classement des phénomènes qui entrent dans les limites de son champ d'observation."

⁽²⁾ Pág. 554 da obra citada.

feito ao deixar nos seus alunos ou leitores a convicção de que a necessidade de coerência entre as soluções contabilísticas implica *apoio numa teoria articulada racionalmente*, cuja compreensão exige trabalho e suor.

Quando numa universidade, instituto, localidade ou grupo social se mantém acesa a chama do interesse por um tema de estudo que é abordado com metodologia semelhante por vários professores e estudiosos pode falar-se numa Escola. Em tal sentido, penso que existiu uma escola no Porto: Lopes Amorim acendeu a chama com as suas lições em 1929, o Prof. Doutor Camilo Comourdain de Oliveira e o saudoso Doutor José António Sarmento alimentaram o fogo, interventores de ocasião avivaram as chamas e José Henrique Garcia deu valioso contributo propagando-as. Ainda existem focos desse incêndio feito de interesse pela teoria da contabilidade.

Mas a Escola do Porto não existiu isolada nem ignorada.

Um mestre a que espero prestar pequena homenagem concluindo escrito iniciado há alguns meses, Vicente Gonçalves da Silva, em cujos livros, no meu tempo de estudante, se buscaram as respostas concretas aos problemas que a Escola do Porto tendia a deixar na sombra, em correspondência particular escrevia sobre Lopes Amorim:

"Concordo inteiramente com o que diz acerca da influência que as "Lições de Contabilidade Geral" tiveram na contabilidade nacional.

Do marasmo em que esta jazia foram elas que a tiraram.

O nível que os estudos contabilísticos atingiram entre nós deve-se, sem dúvida, a esse impulso inicial".⁽³⁾

A carta com os parágrafos supra foi dirigida a outro mestre, também com abordagem não enquadrável na Escola do Porto, Noel Martin Monteiro, após o testemunho deste sobre a obra de Lopes Amorim.

Nas três últimas décadas a Contabilidade muito deve ao Professor Doutor Rogério Fernandes Ferreira cuja participação nesta jornada em memória de Lopes Amorim evidencia o seu apreço pelo ilustre mestre.

⁽³⁾ Vide testemunho de José Henrique Garcia, a pág. 215 do n.º 159 da revista de Contabilidade e Comércio.

Porque está posicionado fora da Escola do Porto tem ainda mais valor a sua visão sobre o que significou Lopes Amorim e se estarão correctos os que, como eu, consideram que ele encabeça a Escola do Porto.

A trave mestra da diversidade de opiniões da Escola do Porto é o aceitar que a contabilidade não pode acolher soluções só porque hoje funcionam. Para a escola do Porto cada solução contabilística, além de ser eficaz, tem que ser compatibilizável com as outras coexistentes. As regras que, embora eficazes, não são justificáveis, não são recurso com acolhimento na linha de pensamento da Escola do Porto.

Pequenos ... ou Grandes Problemas?

A Teoria da Contabilidade deve responder aos grandes ... e aos pequenos problemas.

Por exemplo, ao técnico português não se põem problemas ao contabilizar os descontos de pronto pagamento, sejam concedidos ou obtidos. A redacção em vigor do POC esclarece o conteúdo quer da conta 686 quer da 786 nos termos seguintes:

686 — Descontos de pronto pagamento concedidos: Inclui os descontos desta natureza, quer constem da factura, quer sejam atribuídos posteriormente.

786 — Descontos de pronto pagamento obtidos: Inclui os descontos desta natureza, quer constem da factura, quer sejam atribuídos posteriormente.

Apesar de toda esta evidência portuguesa, num teste escolar nos E.U., fui penalizado porque contabilizei, tanto na C/C como em Vendas, o valor de uma factura ilíquida do desconto de pronto pagamento e contabilizei este como encargo! No desenrolar do trabalho de auditoria numa grande empresa, que alugava ou lavava fardas e fatos de trabalho, confirmei que todas as facturas eram consideradas pelo valor líquido e o não aproveitamento pelo cliente do desconto de pronto pagamento era considerado proveito financeiro!

O que é correcto?

Muito apreciei, já lá vão anos, um escrito em que Rogério Fernandes Ferreira questionava as soluções contabilísticas adoptadas para as Letras a Receber.

Agora temos um outro problema cujo enquadramento contabilístico deve ser discutido: como classificar e tratar contabilisticamente os cheques pré-datados recebidos de clientes e endossados a um banco em garantia de financiamento?

Uma outra experiência de dificuldades inesperadas no estrangeiro: contabilizar uma hipoteca (traduzindo "mortgage" por hipoteca, o que é discutível). Se o crédito hipotecário for titulado, e se o título representa a propriedade do imóvel, e se o devedor tem que o resgatar, de que balanço deve constar o imóvel: do credor ou do devedor?

No enquadramento jurídico em questão a posição do devedor é muito mais próxima do titular do direito de readquirir o imóvel, representado no título respectivo, do que do titular actual do direito de propriedade.

E que dizer do tratamento e enquadramento da conta Compras de Existências no Plano de Contas em vigor? Pertence à classe de existências? Ou será um cuco em ninho alheio?

A entrada tímida na prática contabilística portuguesa corrente do mapa de origem e aplicações de fundos é uma fonte de problemas para quem balanço há só um, o da situação patrimonial, e só consegue assimilar o balanço de resultados rotulando-o de demonstração. Vamos continuar a dizer que balanço só há um e qualificar o balanço de origem e aplicação de fundos de "demonstração", copiando a solução já utilizada para o(s) balanço(s) de resultados!

Tendo concordado que acções ou quotas próprias não são activo e que os cortes para separação de períodos contabilísticos implicam Acréscimos e Diferimentos quer no Activo quer no Passivo, e que no Passivo se compreendem as obrigações convertíveis em Acções, como distinguir Activo, Passivo e Situação Líquida? E nas contas consolidadas os interesses minoritários são Passivo ou Situação Líquida?

Os planos de contabilidade adoptados pelos Bancos e pelas Seguradoras são minimamente coerentes?

Poderia estender por muitos outros casos os pequenos ... ou grandes problemas não resolvidos ou cuja solução, embora contida no POC, deve ser repensada.

Não me parece difícil "avaliar a actualidade dos temas em estudo" na obra de Lopes Amorim se, como ele, nos preocupar a coerência entre as soluções encontradas para cada problema. A busca e actualização, face às realidades presentes da teoria da Contabilidade subjacente, parece a única via. Entretanto, quero desde já deixar claro que melhor é resolver alguma coisa do que não fazer nada em nome da busca de uma solução geral, e articulada com a elegância exemplificada por Lopes Amorim.

A Abordagem da Escola do Porto

Enquanto os profissionais reclamam respostas para os seus problemas em aberto e professores como Vicente Gonçalves da Silva, Rogério Fernandes Ferreira, ou estudiosos como Noel Martins Monteiro, têm como preocupação em destaque dar-lhes resposta directa, a Escola do Porto viveu e continua obcecada pelo afinar de conceitos e conhecimento das traves mestras.

Sendo verdade que parece melhor aprender a pescar do que receber um peixe, também é verdade que não se ensina a pescar quem morreu à fome.

Subscrovo o reparo à obra de Lopes Amorim implícito na apreciação do professor Camilo C. de Oliveira quando faz notar que 60% do total de páginas das Lições constituem a 1.^a parte da obra e é na 2.^a parte que Lopes Amorim trata do objecto, da composição do património e classificação das massas patrimoniais e segue até fechar com um capítulo sobre "Dinâmica Logismológica".

Na sua peugada, José António Sarmiento, como encarregado do curso de Teoria da Contabilidade, dedicava à introdução à Contabilidade cerca de metade do ano lectivo, a que correspondem mais de metade das folhas dos

apontamentos em que os alunos resumiram as suas aulas e que são de facto introdução visando enquadrar o trabalho.

A perda de José António Sarmiento colocou-me sobre os ombros o curso de Teoria da Contabilidade e, depois de muita reflexão, acabei por distribuir o curso por 4 partes com pesos escolares sensivelmente iguais:

- Introdução
- Expressão contabilística
- Medida contabilística
- Análise contabilística

A Introdução passou a significar cerca de um quarto do total.

Dos 60% de páginas dedicadas à observação do passado, como desbravar do terreno para trabalho, na exposição de Lopes Amorim, a redução parece significativa, mas de facto a atitude básica não mudou: em cada passo a justificação continuou mais importante do que qualquer solução encontrada.

Ao Prof. Doutor Camilo Cimourdain de Oliveira coube a parte ingrata de me ensinar Contabilidade Aplicada, curso que continha as questões mais relevantes da Contabilidade das sociedades e a Contabilidade industrial. O nome da disciplina poderia diminuir a tentação de teorizar mas ... comecei por ouvir analisar o problema da língua em que a contabilidade deveria ser feita e continuei a ser empurrado para, relativamente a cada dificuldade, **analisar o passado, as condicionantes presentes, as opiniões avalizadas e só depois ter o atrevimento de buscar uma solução.** Quem me ouve imagina o desespero dos que só estavam interessados na solução final?

A abordagem do meu mestre, que tenho a felicidade de ter hoje como um dos meus ouvintes, é típica da Escola do Porto. Não foi por acidente que tanto contribuiu para apurar conceitos e terminologia contabilística; o gosto pela teoria tornou-a o problema de fundo.

Também não foi por acidente que Lopes Amorim, no último trabalho que publicou na revista de Contabilidade e Comércio⁽⁴⁾, se ocupa da conceituação adoptada por empresas de seguros: é este o tipo de problemas que o atrai tal como aqueles que pessoalmente, ou através dos livros, influenciou.

(4) "De minimis non curat praetor" a pág. 93 e seguintes do n.º 153.

Não consideraria este breve recado completo sem uma apreciação muito pessoal: a **Escola do Porto** é paralisante tal como o óptimo é inimigo do bom. Onde estão as críticas aos planos adoptados por bancos e seguradoras? Onde estão as opiniões acessíveis sobre o POC? Onde estão as respostas aos pequenos ... grandes problemas ?

Felizmente que fora da **Escola do Porto** vamos encontrando respostas ... um obrigado muito especial ao Prof. Doutor Rogério Fernandes Ferreira porque resolve, passo a passo, enquanto esta gente afectada pela **Escola do Porto** continua com o padrão de Lopes Amorim, e este é grandioso ... mas paralisante.

Melhor seria honrá-lo a alimentar a fogueira que acendeu não deixando extinguir o interesse pela Teoria da Contabilidade a que dedicou tantos cuidados. Os pequenos problemas são grandes problemas, quando são os **Nossos Problemas**.

Lopes Amorim abordou muitos pequenos problemas, às vezes talvez com demasiado ardor, o que complementa uma **obra em que o pano de fundo é sempre Teoria da Contabilidade**.